



SEÇÃO TEMÁTICA

Da Psicologia do *Attachment* à visão neurocientífica proposta por Lee A. Kirkpatrick sobre a religiosidade humana

From the Psychology of Attachment to the Neuroscientific View Proposed by Lee A. Kirkpatrick about the Human Religiosity

Edênio Valle*

Resumo: Lee A. Kirkpatrick é um dos nomes de maior destaque na Psicologia da Religião na atualidade. Sua importância como pesquisador e teórico se consolidou graças aos seus trabalhos empíricos sobre a Teoria do Apego (*Attachment Theory*), originalmente proposta por John Bowlby e Mary Ainsworth. Como esses dois pesquisadores, também Kirkpatrick sofreu a influência da Etologia neoevolucionista de Konrad Lorenz e dos acesos debates que se travaram na Psicanálise britânica do pós-guerra a respeito das relações do bebê com sua mãe na fase em que a sua sobrevivência física e psicológica depende totalmente de quem dele cuida. O mérito principal de Kirkpatrick ao entrar nessa discussão foi o de aplicar com rigor a Teoria do Apego à religiosidade e a outros semelhantes estados anímicos experimentados não só pelo neonato. Em seus trabalhos há dois momentos distintos e complementares. No primeiro deles, o objeto de sua atenção se concentrou mais na relação de apego propriamente dita. Mais tarde, paralelamente ao grande avanço das Bio e Neurociências e da Psicologia Evolucionária, ele passou a dar ênfase aos processos e mecanismos neurofisiológicos e psicológicos que subjazem às reações psicocomportamentais da criança. Essa progressiva e coerente mudança de enfoque fez de Kirkpatrick um renomado pesquisador da Psicologia da Religião. O artigo apresenta ao leitor/a os dois estágios percorridos por ele em seu itinerário como estudioso da área da Psicologia da Religião.

Palavras-Chave: Lee Kirkpatrick; Nova Teoria do Apego; Psicologia Evolucionária; Neurociências; Psicologia da Religião.

* Professor Emérito da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; coordenador do Grupo de Pesquisa “Psicologia e Religião: Peculiaridades” do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião da PUC-SP. Contato: edeniovalle@uol.com.br

Abstract: Lee A. Kirkpatrick is an outstanding researcher of the Psychology of Religion. His importance as a researcher and theoretician was consolidated by his empirical research about the Theory of Attachment originally proposed by John Bowlby and Mary Ainsworth. As Bowlby and Ainsworth, Kirkpatrick was influenced by Konrad Lorenz's Ethology and by the discussions of some famous British psychoanalysts about the relationship between babies and their mothers or caretakers in their first months of life. Kirkpatrick's merit was the rigorous application of the theory of attachment to the study of human religiosity and other similar states of mind experienced not only by newborns. It is possible to distinguish two different stages in Kirkpatrick's work. In the first stage his attention focused mostly on the attachment behavior of children regarding their mothers or caretakers. Later, parallel to the increment of the Biosciences, Neurosciences and Evolutionary Psychology, he focused on neurophysiological and psychological processes and mechanisms underlying child's psycho-behavioral reactions. The progressive theoretical change of Kirkpatrick's focus made him one of the most important researchers of the Psychology of Religion. This article aims to present Kirkpatrick's itinerary as a Psychology of Religion scholar.

Keywords: Lee Kirkpatrick; New Attachment Theory; Evolutionary Psychology; Neurosciences; Psychology of Religion.

Introdução

A Teoria do Apego (*attachment*, em inglês) foi desenvolvida em seu início pelo médico e psiquiatra inglês John Bowlby (1907- 1990) e pela psicóloga canadense Mary Ainsworth (1913-1999). Teve duas principais fontes inspiradoras: a Psicanálise e a Etologia de Konrad Lorenz (1903-1989). A primeira orientou os estudos para o campo do inconsciente psicológico; a segunda deu ênfase à dimensão fisiológica numa perspectiva neoevolucionista. Hoje, são muitos os psicólogos e pesquisadores que se dedicam à Teoria do Apego a partir dos mais diversos aspectos do comportamento humano, dentre os quais o religioso. Lee A. Kirkpatrick é seguramente na atualidade um de seus mais destacados representantes, o que é atestado por sua prolífica produção (eg. Kirkpatrick 1992, 1994, 2004, 2006, 2008). Seu livro *Attachment. Evolution and the Psychology of Religion* (Kirkpatrick, 2005b), provocou especial atenção em meios acadêmicos de todo o mundo por representar uma tentativa de incorporar com maior rigor a chamada Psicologia Evolucionária à Teoria do Apego e, mais ainda, à própria Psicologia da Religião.

Neste artigo não se tem a pretensão de fazer uma exposição completa da problemática abordada por Kirkpatrick em seus escritos. Menos ainda quer ser uma revisão crítica de seu livro mais elaborado. Este texto tem como objetivo dar ao leitor/a uma ideia do salto teórico que a chamada Psicologia Evolucionária provocou na concepção e nos métodos defendidos anteriormente por Kirkpatrick no tocante à Teoria do *Attachment*, e mesmo em sua visão da Psicologia da Religião. Está dividido em duas partes principais. A primeira, *Para compreender a teoria de apego de Kirkpatrick*,

oferece ao leitor/a alguns dados sobre a fase inicial da construção da teoria do *attachment* da qual partiu Kirkpatrick. Na segunda parte, intitulada *A nova perspectiva de Kirkpatrick*, são apresentados os pontos essenciais da nova orientação que Kirkpatrick começou a imprimir a essa teoria em seus escritos mais recentes (Kirkpatrick, 2005a e 2005b), na medida em que passou a assumir a Psicologia Evolucionária como uma referência fundamental para um entendimento mais integrado do *attachment* (religioso ou não) em seres humanos. A meta almejada por ele, ao que tudo indica, é a de chegar a um modelo conceitual integrado (Kirkpatrick, 1999) ou mesmo à elaboração de um futuro paradigma metateórico para toda a Psicologia (Kirkpatrick, 2005b) que afetaria em especial os fundamentos da Psicologia da Religião (Kirkpatrick, 2005a). Tratar-se-ia “de uma revolução que, embora ainda em sua infância, já teve início. A Psicologia do futuro será guiada, configurada e organizada desde uma perspectiva evolucionária. A Psicologia da Religião faria bem em seguir nessa direção” (Kirkpatrick, 2005a, p. 116, tradução nossa).

Para compreender a Teoria de Apego de Kirkpatrick

Os primórdios da Teoria do Apego Religioso: De Bowlby e Ainsworth a Kirkpatrick

Os estudos de Kirkpatrick sobre os vínculos que o bebê estabelece com seus cuidadores representaram uma colaboração significativa – mais empírica do que clínica e pedagógica – a uma discussão que teve seu início, como se insinuou antes, com Sigmund Freud e prolongou-se em trabalhos da escola psicanalítica britânica com Ana Freud (1895-1982), Melanie Klein (1882-1960) e Donald Winnicott (1896-1971), especialistas com os quais Bowlby teve contatos diretos que se estenderam aos anos seguintes de sua formação. Foi especialmente Melanie Klein quem o fez perceber o valor heurístico da relação do bebê com as figuras parentais – a mãe, sobretudo – para todo o posterior desenvolvimento psicoafetivo e sociocomportamental da pessoa. Bowlby, no entanto, criticou as abordagens kleinianas que encontrou em Londres, preferindo de algum modo seguir pela via da Etologia de Konrad Lorenz (1903-1989) que o influenciou decisivamente. Ele concebe, entretanto

que é óbvio para muitos leitores que a tese central do modelo do *attachment* da experiência religiosa tem um decisivo sabor freudiano. As crenças religiosas, como argumentava Freud, são pensadas como provedoras de conforto e proteção contra um mundo por vezes perigoso e cruel. Deus é visto como uma imagem parental embora, em termos da teoria do apego, seja conceituada como “uma figura exaltada de *attachment*” mais que como uma figura paterna. A despeito dessas semelhanças superficiais, contudo, as teorias diferem em pontos

importantes. Bowlby, sem dúvida, desenvolve explicitamente a teoria do *attachment* para em grande parte remediar o que ele vê como erros na teoria freudiana, erros que só se tornam visíveis depois de Freud. Eu suspeito que o próprio Freud teria tomado a teoria do apego caso vivesse hoje. (Kirkpatrick, 1995, p. 465, tradução nossa)

Assim sendo, Bowlby criou uma base nova para a leitura do que se passa no bebê quando esse, já dispendo de recursos biológicos e psicológicos próprios, mas ainda carente da assistência dos adultos, se adapta ao seu meio ambiente imediato e passa a estabelecer laços idiossincráticos cada vez mais complexos com os que o cercam. Bowlby abriu com isso uma alternativa de natureza interdisciplinar para a observação das primeiras reações comportamentais infantis. Ele discute, no fundo, com todas as teorias vigentes à época de sua formação profissional, mas afasta-se em especial do Behaviorismo para estabelecer conexões com uma abordagem científica então apenas incipiente, a abordagem biopsicossocial evolutiva, hoje fortemente presente na assim chamada Psicologia Evolucionária. A esse respeito, assim se expressa Kirkpatrick:

[Bowlby] entendeu que a história evolucionária de nossa espécie teve importância relevante para o entendimento do design do sistema de *attachment*. Ele reconhecia que o sistema de apego resulta de uma ampla adaptação que se deu de maneira adequada em todos os bebês humanos e age assim como outros sistemas que dizem respeito a traços físicos como os olhos ou o coração. Nossos vizinhos mais próximos na escala evolutiva, os primatas, participam conosco essas adaptações e que também cada um desses subsistemas evoluiu para facilitar uma aproximação entre os cuidadores e as crianças em função de resolver qualquer problema adaptativo mais específico que possa envolver o bem-estar mínimo da criança (Kirkpatrick, 2005b, p. 163, tradução nossa).

Pode-se, portanto, dizer que as concepções e observações teóricas e empíricas de Bowlby já associavam duas diferentes aproximações à compreensão da forma como o bebê humano estabelece vínculos próprios com os que o cercam. Esses conceitos são, a um só tempo, inconscientes e psicossociais pelo lado da Psicanálise, e neurofisiológicos pelo lado dos dispositivos biológicos inatos com que a criança vem ao mundo.

Kirkpatrick intuiu muito cedo (entre 1992 e 1994) que essa concepção era de grande interesse para a Psicologia da Religião (Kirkpatrick e Haselton, 1996). Afinal, a “*religio*” implica fundamentalmente uma “re-lação” com alguém e essa se estabelece necessariamente através da mediação de e com as pessoas significativas (*significant persons*) que recebem e cuidam da criança. Ao mesmo tempo, o recém-nascido vem ao mundo dotado de mecanismos reativos inatos, cuja base biológica é evidente. Assim que o infante entra em contato com as pessoas (e também com a puericultura do grupo

social em que se insere) tem início a formação biossociocultural de seu *self* individual. Na base, contudo, como um fator decisivo, estão as carências e necessidades de cada bebê e o modo mais ou menos adequado como ele é atendido.

O enriquecimento trazido por Kirkpatrick e outros ao legado de Bowlby

Após sua formação psicológica de mestrado em Psicologia Experimental em 1983 e de doutorado em Psicologia Social em 1988, Kirkpatrick já dispunha de elementos mais que suficientes para encaminhar autonomamente seus próprios estudos especializados sobre *o attachment* em duas direções: (1) a psicológica e biossocial e (2) a atenta aos avanços das Neurociências. Foi na direção da primeira que ele concentrou mais suas pesquisas iniciais, seguindo inclusive outras teorias em uso. Com o andar dos anos, porém, Kirkpatrick passou a dar importância cada vez maior às evidências que foram sendo levantadas de modo cada vez mais incisivo pela assim chamada Psicologia Evolucionária (Atran, 2002; Boyer, 2001; Massih, 2013; McNamara, 2006; Otta e Yamamoto, 2009), pelas Neurociências, pela Genética e pela Ciência Cognitiva (Fiori, 2009; Gazzaniga e Heatherton, 2005, p.483-490; Paiva, 2007), como será detalhado mais adiante.

Com relação à maioria dos pesquisadores que se inspiravam mais no legado freudiano, as hipóteses teóricas propostas por Kirkpatrick representam uma novidade por ao menos três razões. Primeiro, porque, a exemplo de René Spitz (1887-1974) e de Daniel Stern (1934-2012), sua visão se fundamentou sempre em metodologias empíricas de observação direta do comportamento infantil (Spitz, 1991; Stern, 1991). Foi por essa via de cunho experimental que ele passou a ver nas Neurociências um caminho objetivo mais direto para se chegar ao conhecimento do organismo vivo que é uma criança recém-nascida. Em segundo lugar, mesmo almejando o uso de metodologias de observação direta como as propiciadas pelas tecnologias hoje disponíveis, ele nunca perdeu de vista o que havia aprendido como psicólogo da Religião com respeito à Psicologia Social e à Psicologia da Personalidade. Além disto, o fato de, ainda no início de sua formação como psicólogo da Religião, ele ter dado preferência à Etologia de Bowlby e, na sequência, à Neurobiologia, demonstra que ele tem consciência de que o fator biológico exerce um papel absolutamente fundamental na formação do *self* infantil em todas e em cada uma de suas dimensões. Nos livros de uma famosa trilogia de Bowlby, publicada em português pela editora Martins Fontes sobre apego e perda (especialmente em Bowlby, 2002 e 2004), são enfocadas de maneira original, emoções como a raiva, a tristeza, a angústia, a alegria e o bem-estar, comportamentos típicos da criança em qualquer cultura ou época. Esses livros mostram que essas reações só podem ser adequadamente entendidas se encaradas desde as

biociências assim como essas são assumidas pela Psicologia Evolucionária. Já os títulos e subtítulos dessa trilogia comprovam a importância da Neuropsicologia para a Psicologia do Desenvolvimento Infantil, exatamente quando o pequeno ser humano está elaborando as características emocionais e relacionais que irão moldar e mesmo definir os principais traços constitutivos de sua personalidade quando adulto. Juntos, esses livros causaram impacto em países de língua inglesa, uma vez que constituem um imprescindível marco de referência para o estudo dos laços e da relação corporal do bebê com a mãe. São laços condicionados por dispositivos orgânicos, neurais e bioquímicos, que desempenham um papel absolutamente prioritário na modulação das reações do bebê em relação às pessoas que o circundam de modo nem sempre satisfatório. Bowlby não considera esses laços como sendo psicoinconscientes no sentido da metapsicologia freudiana. Como psiquiatra e bom conhecedor da Psicanálise, Bowlby tinha em mente uma aproximação análoga à hoje sugerida por psicólogos evolucionários como Lee Kirkpatrick.

Bowlby, como se sabe, encontrou grande resistência às suas ideias na *British Psychoanalytic Society* provavelmente por não dispor ainda de uma argumentação bem articulada dos resultados de suas observações sobre os comportamentos da criança ainda no berço. Assim, por exemplo, enquanto Melanie Klein, que supervisionara sua formação analítica, dava máximo ressaltado às fantasias inconscientes e doentias que o infante desenvolve em relação à mãe, Bowlby julgava ser mais importante ter presente as circunstâncias concretas em que se dá o relacionamento de cada bebê com cada mãe ou substituta materna. Para ele, é incorreto supor que reduzir o comportamento infantil apenas a uma resposta às fantasias e pulsões inconscientes dele próprio ou da mãe não é suficiente. Para Bowlby, a criança está respondendo aos eventos reais que ela experimenta em cada etapa de seu desenvolvimento maturacional. Por suas atividades de médico e pediatra, Bowlby já havia constatado isso em crianças hospitalizadas e também em adolescentes judicialmente condenados como infratores. Ambos os grupos mostravam uma pobreza marcante no estabelecimento de vínculos. Essa firme posição de Bowlby levou o sofisticado círculo psicanalítico da Inglaterra a olhar como extremamente suspeitas e não psicanalíticas as ideias por ele preconizadas nas práticas psiquiátricas e psicopedagógicas por ele adotadas em creches e estabelecimentos de reeducação infanto-juvenil.

Os resultados e conceitos da teoria do *attachment* não tardaram a se difundir e a terem aceitação ampla, sobretudo em ambientes científicos de língua inglesa. Geraldo José de Paiva, da Universidade de São Paulo, sinaliza esse êxito salientando o passo da incorporação à teoria de dados advindos da biociência evolutiva:

Foi L. Kirkpatrick quem sugeriu juntar apego com evolução e com Psicologia da Religião. Segundo Kirkpatrick, as relações da pessoa com Deus tendem a

pautar-se pelos critérios das relações de apego, relações resultantes do processo evolutivo que assegura a sobrevivência da prole, protegida dos perigos, inclusive na exploração do ambiente. Presentemente um nome de destaque na teoria é o de Pehr Granqvist, da Universidade de Estocolmo. [...] Granqvist tem refinado o modelo teórico do apego, além de explorá-lo por meio de vários procedimentos empíricos aperfeiçoados, inclusive no contexto de algumas culturas. (Paiva, 2013, p. 355)

Pode-se dizer que o termo *attachment*, para pesquisadores contemporâneos, designa fundamentalmente o vínculo biopsicoemocional que desde o início da vida se estabelece entre a pessoa do bebê (carente de tudo) e sua mãe ou provedora. Da parte do bebê saudável, as necessidades são inicialmente exclusivamente biológicas (de nutrição, de aconchego, de higiene e de calor). Só aos poucos adquirem outras conotações psicológicas e relacionais mais elaboradas. O processo, em seu conjunto, é resultado de mecanismos inatos, mas adquire outras conotações típicas da cultura na medida em que o corpo e a mente da criança amadurecem de acordo com o ritmo progressivo da maturação de mecanismos neurofisiológicos específicos que vão surgindo no campo da motricidade e da linguagem, por exemplo. Surgem assim, já muito cedo, certos dispositivos e características peculiares que podem ou não amadurecer saudavelmente ao longo do processo relacional, afetando o temperamento, a afetividade e a personalidade do infante. Entram aqui os estágios do amadurecimento religioso e da fé (Fowler, 1992; Silva, 2013, pp. 417 ss; Gazzaniga e Heatherton, 2005, pp. 483-495). Da perspectiva da teoria do apego são úteis, nesse sentido, as distinções que Mary Ainsworth (1969) faz entre os vínculos afetivos mais genéricos e os que são específicos da experiência idiossincrática do *attachment* infantil à mãe, que incluem emoções, processos cognitivos, sociais, fisiológicos e, não por último, religiosos e pessoais da criança.

Para que se possa falar de um apego afetivo propriamente dito, é necessário que o vínculo estabelecido seja duradouro e não transitório; que seja estabelecido com alguém concreto (sendo só parcialmente intercambiável) e que seja emocionalmente significativo com relação a dois pontos fundamentais: (1) o referente ao tipo e intensidade das necessidades de atendimento de cada bebê e (2) o relativo ao grau e tipo de assistência da qual o bebê necessita em cada fase concreta de sua dependência total dos cuidados maternos. É fácil perceber que essas condições implicam necessidades vitais de proximidade, de contato físico e de satisfação corpórea. O grau e o tipo de carência sentida, porém, podem variar muito de caso a caso e de conjuntura a conjuntura. Na ausência dessas condições, surgirão sentimentos mais ou menos

profundos de separação, perda, raiva, tristeza, ansiedade e angústia detectados e descritos por Bowlby (2002 e 2004).¹

A intensidade e a qualidade do relacionamento e o modo ou tipo como ele se estabelece irão variar de acordo com cada cultura e com cada faixa etária. O grau de amadurecimento afetivo e do equilíbrio psíquico da mãe irá naturalmente pesar muito. Há inúmeros outros fatores secundários a serem levados em conta. No bebê, a força do vínculo irá depender de predisposições biológicas inatas decorrentes de seu próprio organismo, tais como o chorar, o agarrar-se, o sorrir, todas elas indispensáveis à sobrevivência do bebê.

O vínculo tanto pode ser causador de segurança quanto de insegurança para o bebê. Isto irá depender do clima anímico do relacionamento entre as duas partes, isto é, entre a mãe e o bebê e, especialmente, o que o comportamento materno provoca no bebê. Tanto bebês bem tratados quanto mal tratados se prendem ao cuidador. No entanto, os bem tratados desenvolvem um tipo de *attachment* seguro, enquanto os outros se sentem inseguros e desamparados. Essas reações nem sempre dependem exclusivamente de fatos objetivos provocadores do mal-estar que pode, às vezes, ser até de somenos.

Também no Brasil existem textos e pesquisas que tomam como base a Psicologia do *attachment*. Nesse sentido, pode-se consultar Parkes (1998), Abreu (2005); Esperandio e August (2014), Ramires e Schneider (2010), Paiva (2013, pp. 354 ss). O teor desses trabalhos é positivo, mas são também feitas críticas à teoria. No presente artigo não há como detalhar toda essa problemática polêmica ainda em andamento e à espera de uma recepção mais crítica no Brasil. A metodologia postulada pelos que a defendem calcados na Psicologia Evolucionária, como a de Kirkpatrick, permite sem dúvida uma verificação empírica bem mais sofisticada do que as usadas por Ainsworth e Bowlby. O importante é que não se negue a validade de outras metodologias e teorias. Kirkpatrick nunca teve a intenção de fazer *tabula rasa* do que dizem antigas e novas teorias da Psicologia da Personalidade, da Psicologia Social ou da Psicologia do Desenvolvimento Infantil, contanto que essas, por sua vez, saibam posicionar-se positivamente com relação às evidências e exigências dos conhecimentos advindos das biociências em geral. Um dos objetivos deste artigo é deixar bem claro que a proposta de Kirkpatrick é, segundo ele mesmo chega a afirmar, uma “revolução” que veio para ficar e que seus pressupostos permitem enfocar e inserir a pesquisa sobre a religiosidade no quadro da ampla revisão que está em curso nos estudos sobre as relações entre “cérebro, mente e consciência” que lançam uma luz nova sobre o que o neuropsiquiatra português António Damásio, da University of Southern California, chama de *mistério da consciência*, ou seja, o mistério de como se dá no organismo humano a passagem do

¹ Embora não seja este o tema diretamente em pauta, não se pode deixar de mencionar que psicanalistas como Donald Winnicott (1983; Dias e Loparic, 2011); e Ana-Maria Rizutto (2006) e Daniel Stern (1991) teriam muito a nos ensinar sobre a evolução da criança.

corpo e das emoções ao conhecimento de si, uma questão-chave considerada como campo reservado aos filósofos. Espera-se que, se e quando melhor trabalhada pelas ciências psi desde uma perspectiva evolucionária, se torne possível um melhor entendimento científico da passagem do corpóreo e emocional ao mental e psíquico e com isso se chegue a um conhecimento melhor do que sejam os processos que tornam possível a *consciência de si* no mundo (Damásio, 2000).

Dimensões operativas internas do sistema de apego

O “sistema de apego” é um construto psíquico que a criança organiza em seu esforço para manter-se num nível confortável de segurança. Quando ameaçada ou angustiada, ela adota um comportamento de apego que abarca toda uma gama de reações biológicas, emocionais e cognitivas. Isto, segundo Bowlby e Ainsworth, se dá em torno dos 12 e 18 meses de idade, quando o bebê humano já é capaz de construir uma imagem interna de si, ou seja, um primeiro *self*.

Esse modelo operativo, segundo Bowlby, funciona como uma espécie de programa mental interno (um *self*) que permite ao bebê, primeiro, interpretar o que sucede ao seu redor; segundo, prever as reações da mãe às dele mesmo; e terceiro, a organizar a partir daí seu modo de ser emocional-afetivo e comportamental. Muito dependerá dos comportamentos de quem dele cuida: são eles acolhedores e disponíveis? Estão atentos/as para responder ao que o bebê solicita naquele momento? Respondem de menos? Respondem demais? Permitem alguma autonomia ao bebê para explorar o ambiente e para expressar o que sente e precisa?

Note-se que, uma vez construídos, esses sistemas de apego tendem a permanecer estáveis e a funcionar como protótipos de outros futuros modelos de relacionamento tanto com as demais cuidadores diretos, quanto também com Deus ou alguma divindade e com as pessoas e instituições que os representam culturalmente. Em geral, pode-se dizer que permanece sempre na pessoa algum reflexo bastante marcante da figura materna e paterna ou, em caso de órfãos, de quem a substitui.

O desenvolvimento posterior dos vínculos

Em nossa cultura, a criança desde a mais tenra idade se vê cercada por pessoas que com ela interagem e com ela dialogam. Aos poucos, passam do ambiente familiar mais restrito a ambientes sociais maiores e mais diferenciados (a escola maternal, por exemplo) que podem alterar os vínculos aprendidos nas fases vividas no âmbito restrito da própria casa. É preciso ter presente que os contatos posteriores em sociedades urbanas podem ser mais ou menos compatíveis com o que o infante aprendeu e assimilou

anteriormente. Põe-se uma questão psicológica de fundamental importância em ambientes sociais contemporâneos: será que os novos contatos se contraporão ocasional ou permanentemente aos anteriores? Serão organizados em uma matriz única ou conviverão de maneira desarmônica entre si? Haverá um *self* central ou uma polifonia de *selves*? Os vínculos primários assim como estabelecidos na primeira infância serão determinantes ou apenas condicionantes da evolução posterior de cada pessoa? Até que ponto são possíveis alterações reais das tendências manifestadas pelo bebê em seus primeiros meses de vida? Serão possíveis inovações e reorganizações? Os psicólogos holandeses Hermans e Kempen (1993), com a sua Teoria do Self Dialógico (cf. Massih, 2009), sem se referir diretamente a Bowlby, Ainsworth ou Kirkpatrick, oferecem instigantes pistas para compreender se e como as “vozes do eu” presentes devido aos sistemas de apego na primeira infância se desenvolvem ora de forma harmônica, ora de forma dissonante.

A religiosidade na perspectiva do apego

Assim como Gordon Allport (1966) descreve em sua teoria da personalidade, há na religiosidade humana tanto aspectos nomotéticos (comuns a todos) quanto aspectos idiossincráticos (próprios só a alguns ou, mesmo, a um único sujeito). À luz dessa teoria, podemos nos perguntar quais dessas duas perspectivas nos podem ajudar a melhor compreender a religiosidade própria a cada sujeito: a nomotética ou a idiossincrática? Ou ambas, dependendo do que se considera? Um psicólogo clínico tenderá provavelmente a responder que é a idiossincrática, mas na opinião dos pesquisadores da Psicologia Evolucionária a força de configuração atitudinal mais atuante é a nomotética. Para exemplificar: um bebê de uma mãe esquimó passa por uma experiência de *attachment* biopsicológico muito diversa da de um bebê de uma família de classe média de São Paulo ou de Londres. No entanto, a resposta nem de um nem de outro desses dois bebês dependerá apenas das condições sociológicas e ambientais (num caso, o frio impiedoso do Polo Norte que obriga a mãe a carregar seu bebê numa constante colagem ao seu próprio dorso; e, noutro caso, o conforto de uma clínica especializada e tendo à disposição uma equipe clínica que monitora, o tempo todo, os primeiros dias do bebê atendendo as necessidades básicas de seu organismo).

Kirkpatrick, tomando como base os resultados de um sem número de pesquisas sobre a relação entre religiosidade e vínculo (Granqvist e Kirkpatrick, 2004), levantou duas hipóteses que parecem ter boa sustentação, mas que parcialmente se contrapõem. Testou essas hipóteses com crianças e com adultos. Julgou que elas não são aplicáveis a qualquer aspecto da religiosidade, apenas aos relacionais e aos representacionais. As duas hipóteses são: (1) quando existe uma correspondência entre o vínculo e a religiosidade,

há também chances de crescimento e integração; (2) quando, porém, há a necessidade de compensação de perdas, surgem deficiências que poderão ter maior ou menor peso negativo sobre o amadurecimento da pessoa quando adulta.

O experimento do “quarto estranho”

Mary Ainsworth criou um cenário experimental no qual se podia observar e descrever melhor e com mais objetividade as modalidades de vínculo existentes entre a mãe e o filho (Ainsworth e Wittig, 1969). Para tanto, ela imaginou uma situação experimental à qual deu o nome de “um quarto estranho”. Uma mãe com a criança de aproximadamente um ano e meio no colo era colocada num quarto vazio e se assentava numa cadeira com o filho no colo. Após algum tempo, a criança descobria no canto da sala alguns brinquedos atrativos e ia quase sempre em direção a eles para brincar. Num certo momento, entrava na sala um homem e se assentava em silêncio numa cadeira. Ainsworth observava então a reação de cada criança com relação à mãe, aos brinquedos e ao novo personagem que entrava na sala. Ela, como outros que replicaram em outros contextos o mesmo experimento, postulou que nessa fase etária, do ponto de vista do bebê, são basicamente três as possíveis reações do bebê que denotam três modalidades de vínculos com a figura materna:

- alguns bebês se retraíam ante o estranho, buscando algum tipo de refúgio junto à mãe, fugindo do estranho e por vezes também abandonando os brinquedos. O comportamento deles era de *evitação*;
- outros bebês adotavam comportamentos *ambivalentes* que, como diz o nome, são carregados de percepções ambivalentes devido ao estranho que entra;
- outros, mesmo tomando consciência do intruso, demonstravam ter com a mãe vínculos *seguros* de referência e proteção; mesmo percebendo o estranho, olhavam confiantes para a mãe e se sentiam à vontade para continuar a entreter-se como com o brinquedo escolhido.

Aplicando as três percepções e comportamentos acima indicados à experiência da representação que aquela criança mais tarde fará de Deus e do mundo religioso, se constatou, através de múltiplas observações, que essas três posturas tendem a manter-se em fases futuras do desenvolvimento religioso e não religioso de cada um. Ou seja, a atitude religiosa tenderá, na fase adulta, a se encaminhar em direção ou à insegurança ansiosa, ou à ambivalência bloqueadora, ou a uma confiança segura. Para evitar maus entendidos, saliente-se que para a Psicologia do Apego não se deve pensar essas categorias como sendo estanques, à moda das antigas tipologias. São mais tendências

psicodinâmicas que tenderão a permanecer presentes em ulteriores estágios desenvolvimentais da evolução por guardarem um potencial dinâmico que permanece de alguma maneira no indivíduo.

A nova perspectiva de Kirkpatrick

O desafio lançado por Kirkpatrick

Ainda nos anos 1990, Kirkpatrick (1992; 1994) escreveu textos nos quais começou a desenvolver sua atual visão do *attachment* que enfatiza os aspectos neurocognitivos evidenciados nos dois últimos decênios pela Psicologia Evolucionária (cf. Bulbulia et al., 2008; Massih, 2013; McNamara, 2006; Otta e Yamamoto, 2009). Por essa mesma época, ele publicou também um capítulo em livro editado por Paloutzian e Park (Kirkpatrick, 2005a) e quase simultaneamente um livro de sua autoria (Kirkpatrick, 2005b) no qual expõe com mais precisão o itinerário que o levou a rever suas concepções iniciais a respeito do *attachment* e a sugerir uma proposta teórica nova para a Psicologia da Religião em seu todo. Nesse livro de 2005, ele narra em termos pessoais todo o caminho que percorreu para chegar a essa sua nova visão da Psicologia da Religião e do *attachment*. Sua intenção, no entanto, não é a de oferecer uma síntese completa ou um quase paradigma da questão. O que ele parece ter em mente é mais desafiar os psicólogos da religião a confrontarem o saber psicológico até então acumulado com as evidências trazidas pelas descobertas mais recentes das Neurociências e da Psicologia Evolucionária. Por essa razão é que ele ressalta um provocativo prognóstico feito pelo sociobiólogo Edward Wilson (1998), que vaticinou que a Psicologia, caso não se deixasse impregnar pela Biologia, no futuro iria ter que acomodar um inúmero cada vez maior de teorias desarticuladas e muito diversas entre si. Eis, em inglês, a frase marcante de Wilson, citada por Kirkpatrick: “*Psychology, if not allowed to be contaminated with too much biology, can accommodate endless numbers of theoreticians in the future*” (Wilson, 1998 *apud* Kirkpatrick, 2005a, p. 101).

Por que Kirkpatrick toma a sério esse prognóstico de Wilson? Porque ele, como um *scholar* especializado em Psicologia da Religião, reconhece que também esse ramo da Psicologia científica coligiu, nos últimos cem anos, um enorme volume de dados empíricos, construtos e modelos teóricos, mas, no fundo, ficou dando voltas em torno de si mesma. A essa luz, Kirkpatrick, partindo de sua experiência pessoal como pesquisador da religião, levanta perguntas como as seguintes: (1) quais terão sido as razões para essa enorme dispersão e incongruência aliada a uma notória falta de unidade teórica fundada em pesquisas empiricamente testáveis? (2) o que fazer para se chegar, no futuro, a uma Psicologia científica da Religião capaz de integrar, numa visão

psicológica de conjunto, os dados que levanta e capaz de confrontá-los ao mesmo tempo com as demais Ciências da Natureza, da História e das Ciências Sociais, cada qual encastelada em seu respectivo casulo fechado sem qualquer tentativa séria de entrar em diálogo com as demais disciplinas (especialmente com as Neuro e as Biociências) que poderiam, juntas, oferecer aos Estudos da Religião uma *emerging new foundation* (cf. Kirkpatrick, 2005a), capaz de integrar de maneira não desconectada, os muitos dados e perspectivas de que já dispomos sobre a experiência religiosa e a religião?

É desde essa perspectiva que Kirkpatrick enuncia seu polêmico desafio à Psicologia da Religião e às demais ciências que estudam a religião:

Sou de opinião de que a Psicologia da Religião, para nossa perplexidade [*embarrassment*], fez poucos progressos desde o seu surgimento. Ela de fato coletou dados sem conta, desenvolveu modos de mensuração e propôs construtos, mas em seu conjunto o seu movimento foi mais circular do que progressivo. Meu propósito aqui é o de oferecer uma explicação por que isto aconteceu e o de sugerir uma perspectiva futura que ajude a fazer as coisas caminharem nessa direção. [...] Para mim, a Psicologia da Religião andou, por décadas, se perguntando, sem saber bem o quê, pelo fato de também a Psicologia Geral ter se comportado da mesma maneira e pelos mesmos motivos. (Kirkpatrick, 2005a, p. 101, tradução nossa)

O “xis” do problema segundo Kirkpatrick

Valendo-se de um questionamento bastante antigo, Kirkpatrick diz que a Psicologia, enquanto ciência positiva, viveu sempre dividida entre duas culturas distintas, a saber, a cunhada pelas Ciências Humanas – mais especulativas e dedutivas – e as adotadas pelas Ciências Biológicas, cuja metodologia é de tipo fundamentalmente experimental. Os diversos ramos que foram sendo criados pelos psicólogos pendiam ora para um, ora para outro desses dois lados. A Psicologia da Religião se inclinou preferencialmente para o lado das humanidades, da Hermenêutica filosófica e da Fenomenologia, mas em certo momento procurou rever e complementar essa sua opção e passou a orientar-se em direção a uma epistemologia e metodologia que copiavam ou, melhor dizendo, “corriam atrás” da praticada pelas *hard sciences*. Segundo ele, esse é um bom começo, mas não é suficiente, pois existe uma questão mais fundamental que precisa ser enfrentada e esclarecida, sobretudo em temas psicológicos como o do *attachment* infantil, no qual o aspecto biológico é sem dúvida o mais essencial:

As Ciências Naturais começam pelo pressuposto de que existe um mundo real lá fora e que este tem uma estrutura inerente que opera de acordo com princípios

sistemáticos que os cientistas, através de uma combinação entre a observação empírica e o raciocínio lógico, podem descobrir. Ao contrário, os objetos em estudo pelas Ciências Humanas geralmente não podem ser tidos como possuindo uma “realidade” inerente a ser descoberta; os *scholars* humanistas devem inventar a organização e a estrutura [dessa realidade]. (Kirkpatrick, 2005a, p. 102, tradução nossa).

Não basta, por esse motivo, à Psicologia da Religião empregar hoje métodos de observação controlada replicável e traduzida em dados também quantitativos semelhantes aos adotados pelas Ciências Naturais e Físicas, pois, por essa razão, ela já poderia ser considerada como sendo “científica”. Mas isso não é o bastante para evitar a grande multiplicidade e dispersão das teorias explicativas e para tornar a Psicologia uma “*integrated interdisciplinary science*” (Kirkpatrick, 2005a, p. 114).

O “xis” do problema é que, na Psicologia em geral, como nas outras Ciências Humanas e Sociais, existe uma necessidade de inventar e reinventar conceitos teóricos explicativos da natureza da realidade que elas estudam. É por esse motivo que o rigoroso biólogo Wilson julga que essas ciências, à diferença da Genética ou da Biologia, deverão continuar, também no futuro próximo, “*a lidar com um sem número de teorias e de teóricos*” em virtude de não terem um mesmo referencial lógico-teórico que permita critérios razoavelmente comuns. Para elas, “*existe lá fora um mundo real ao qual é inerente uma estrutura que opera de acordo com princípios sistemáticos e que os cientistas podem observar e detectar através de uma combinação de observações empíricas com raciocínios lógicos*” (Kirkpatrick, 2005a, p. 102, tradução nossa).

Tal já não é o caso na Psicologia, muito particularmente na Psicologia da Religião. Para esta, o objeto de estudo (a religiosidade) não pode ser concebido como tendo uma natureza preexistente a qual pode ser encontrada, descrita e explicada como um mundo real a ser lógica e sistematicamente esmiuçado em suas partes. Por essa razão, os cientistas das Ciências Sociais como os da Psicologia são obrigados a organizar, estruturar e até certo ponto a inventar cada qual a seu modo o seu objeto de estudo. Kirkpatrick conclui que essa é a razão pela qual, nos últimos tempos, surgiu nessas áreas do conhecimento especulativo um forte movimento desconstrucionista do mundo livrescamente idealizado pelas ciências humanas. Esse mundo consistiria, em última análise, apenas de “textos” que podem ser cotejados desde pontos de vista muito diferentes e até opostos entre si. A questão é que a interpretação “A” (a da Psicanálise de Freud) não é mais ou menos correta do que a interpretação “B” (a de Bowlby) ou a “C” (a de Kirkpatrick), uma vez que não existem critérios objetivos externos que possam resolver as muitas divergências existentes entre essas várias possíveis teorizações e interpretações elaboradas pelos teóricos das ciências humanas e/ou da Psicologia Geral e da Religião. (Kirkpatrick, 2005a, p. 102)

Por uma Psicologia interdisciplinarmente integrada

O objetivo principal do presente artigo, como se salientou na introdução, é o de mostrar a mudança teórica que Kirkpatrick experimentou na medida em que passou a aprofundar o enfoque presente já na abordagem de John Bowlby sobre a relação do bebê com sua mãe, relida desde a Psicologia Evolucionária. O artigo não intencionava apresentar uma visão completa e, menos ainda, fazer uma crítica à proposta idealizada por Kirkpatrick. Tal tema exigiria, no mínimo, uma inteira tese de doutorado, uma vez que representa uma proposta ainda em aberto, que, além de provocar polêmicas, exige mais fundamentação. Há ainda muito a ser previamente discutido antes de se estabelecer uma Psicologia da Religião que leve a sério a dimensão neurofisiológica do comportamento religioso humano. Mas um primeiro passo a ser dado é o de perceber bem qual a real sugestão de Kirkpatrick. Para ele, passar a ver esse comportamento desde a perspectiva da Psicologia Evolucionária é uma tarefa à frente, mas não deve ser confundida com a inclusão no currículo de formação do psicólogo de

uma outra subdisciplina da Psicologia a ser colocada ao lado da Psicologia do Desenvolvimento, da Psicologia Social ou da Psicologia Clínica; é, sim, [de criar um outro] travejamento [*framework*] conceitual geral [que estabeleça] um corpo teórico que possa oferecer uma perspectiva coerente desde a qual qualquer uma das subdisciplinas tradicionais possam ser aproximadas. (Kirkpatrick, 2005a, p. 114, tradução nossa)

Num campo psicológico organizado e informado pela Psicologia Evolucionária (PE), prossegue Kirkpatrick (2005a, pp. 114-115)²:

- Os psicólogos sociais continuarão a estudar os fatores situacionais e interpessoais que influenciam o comportamento; a função da PE seria a de prover uma base para o levantamento de hipóteses sobre esses fatores, que ao lado de outros fatores e mecanismos sociais, devem estar influenciando certos comportamentos em interação com outros mecanismos psicológicos.
- Os psicólogos da personalidade continuarão estudando as diferenças individuais informadas por teorias a respeito de diferenças que dependem tanto da genética quanto do meio ambiente, no contexto do desenho (*design*) universal da espécie.
- Os psicólogos evolutivos continuarão estudando como se desenvolve o arcabouço arquitetural nascido de processos epigenéticos que surgem ao longo

² Foi feita uma tradução livre do texto original de Kirkpatrick para facilitar o entendimento do leitor.

do tempo em função de um *recipe* genético que evolui em através das sucessivas configurações adultas.

- Os psicólogos clínicos continuarão estudando os caminhos de formas que evoluíram de maneira anômala ou torta, uma tarefa que terá muito a ganhar do entendimento de como as mentes humanas foram desenhadas pela evolução para funcionar e de como os ambientes modernos diferem funcionalmente dos ambientes aos quais a mente humana se adaptou em tempos ancestrais.

Kirkpatrick julga que, para assumir o processo evolutivo como referência, evolucionariamente falando, o caminho mais indicado é o de partir do princípio de que a religião não é uma adaptação já pronta e feita, decorrente de um processo que passou por muitos milhares de anos. Os diversos comportamentos, crenças e rituais religiosos que prevaleceram ao longo da evolução emergem todos como um *by product* (subproduto) dos mecanismos fisiológicos, psicológicos, sociais e espirituais que melhor se mantiveram ao longo desse processo evolutivo, exatamente pelo fato de terem produzido boas soluções para os problemas e impasses do processo evolutivo (Kirkpatrick, 1999). Foram esses processos psicoevolutivos bem sucedidos que foram levando o *homo sapiens* a pensar de formas cognitiva, emocional e comportamental o mundo natural em que vivia e do qual fazia uma representação cuja finalidade era a de propiciar a ele uma visão ou interpretação da realidade e do agir humano compatível com a preservação e melhoria de suas condições de vida (cf. Kirkpatrick 2005b, p.101-102).

Nos anos de sua formação como psicólogo da religião, Kirkpatrick aprendeu a dar merecido valor aos processos psicossociais que eram estudados pela Psicologia Experimental, pela Psicologia Social e pela Psicologia da Personalidade de sua época de estudante e, além disso, como úteis a uma compreensão psicologicamente adequada da religiosidade e da espiritualidade humana. Seu contato direto com a Etologia de Konrad Lorenz e com os conceitos psicodinâmicos de John Bowlby levaram-no a acompanhar com interesse os primeiros passos da Psicologia Evolucionária e das Teorias Cognitivas em geral. A exemplo de Bowlby, ele julgava que a história evolucionária da espécie humana e dos indivíduos não pode absolutamente ser esquecida pela Psicologia da Religião, pois é altamente relevante para o entendimento de como o *design* do apego acaba por se firmar de modo surpreendentemente constante em bebês humanos de todas as raças. São processos que têm a ver com capacidades dos que são vitalmente mais capazes de resolver determinados problemas adaptativos, um dos quais é o *attachment* desenhado pela natureza para dar proteção e garantir de maneira efetiva a sobrevivência dos recém-nascidos (cf. Kirkpatrick, 2005b, p. 163).

Algumas reflexões conclusivas

As Ciências Fisiológicas e Neurológicas nos últimos dois ou três decênios examinaram pormenorizadamente o funcionamento do sistema nervoso central e suas conexões com os processos superiores da mente. Usaram para tanto métodos e tecnologias até pouco desconhecidos, que permitiram aos neurocientistas vasculhar desde dentro os processos cerebrais, graças a métodos como a PET (Tomografia por Emissão de Pósitrons) e MRI (Imagens de Ressonância Magnética). Essas ciências não tiveram, por essa razão, maiores problemas epistemológicos em aceitar a natureza biológica da evolução dos seres vivos, embora também permanecessem divergências, como se vê na polêmica entre os filósofos da mente Daniel Dennett e John Searle (Mittelstaedt e Valle, no prelo).

No campo das Ciências Humanas, em especial no da Psicologia da Religião, ao contrário, as tentativas de interpretação da religião desde o ponto de vista psiconeurológico e evolucionário encontraram dificuldades bem maiores. Na área da Psicologia da Religião, Kirkpatrick é um dos primeiros a tentar um sério diálogo crítico entre sua visão pessoal da Psicologia da Religião (que tem muito a ver com sua pesquisa sobre o *attachment*) e as importantes evidências trazidas pelas Ciências da Natureza e pelas Ciências Cognitivas (Barrett, 2008; Fiori, 2009; Teixeira, 2000) sobre o funcionamento cerebral. A intenção última de Kirkpatrick, ao que parece, é a de tentar proporcionar pistas para se chegar a uma ciência interdisciplinarmente integrada dos fenômenos religiosos. Como poucos, ele mostra que a Psicologia da Religião acha-se ante um quadro novo e ainda não bem definido. O que Kirkpatrick julga já ser possível oferecer é uma perspectiva inicial, uma espécie de quase-paradigma kuhniano (Kirkpatrick, 2005b, p. 161) que poderia desempenhar o papel de um arcabouço metateórico que toma a sério a ideia de que o sistema nervoso central humano (o cérebro, em especial) consiste em um conjunto de órgãos “desenhados” pela seleção natural, cujo funcionamento tem implicações de grande interesse seja para a Psicologia científica da Religião, seja para as demais ciências que investigam os comportamentos religiosos humanos.

Na presente conjuntura vivida pela Psicologia da Religião no Brasil, a proposta de Kirkpatrick representa um desafio, pois em nosso país, como escrevem Bortolini e Yamamoto (2013, p. 223), apesar da enorme riqueza de crenças e reconhecida relevância social e cultural da religião, são poucos os psicólogos que no país trabalham com o tema da religião desde essa perspectiva neurocientífica. Eis aí um provável desafio para os próximos decênios da Pesquisa da Religião em nosso país.

A Antropologia, uma disciplina que guarda vizinhança com as Ciências Psi, tem avançado nesse campo mais do que a Psicologia Social da Religião (Atran, 2002; Boyer,

2001). Justin L. Barrett, da Escola de Antropologia e do Museu de Etnografia da Universidade de Oxford, por exemplo, tem posições epistemológicas que vão bem na direção do que postula Kirkpatrick (cf. Barrett, 2008, pp. 295-301). Para ele, o que a Antropologia e as ciências que estudam a Religião *carecem é de mais e não de menos ciência*. Aqui estão algumas das sugestões com as quais ele conclui um artigo sobre essa questão com observações que, seguramente, valem também para a Psicologia da Religião no Brasil de hoje:

Em vez de sucumbir passivamente a uma visão estereotipada das relações entre ciência e religião, o campo [da Ciência da Religião] se beneficiaria se aplicasse os *insights* e métodos científicos aos problemas inspirados por perspectivas teológicas e problemas religiosos. [...] O que estou propondo não é que o estudo científico da religião deva tomar uma perspectiva científica cognitiva. Contudo, considero a ciência cognitiva da religião como o instrumento mais promissor para dar à perspectiva evolucionária e biológica mais precisão e às perspectivas sociais mais rigor. Não estou sugerindo que todos os estudiosos da ciência cognitiva da Religião comecem a conduzir experimentos e trabalhos de tipo quantitativo. A grande força desse campo tem sido seu pluralismo metodológico e disciplinar. Meu incentivo vai na direção de encontrarmos caminhos para fundamentar nossas teorizações em evidências empíricas sólidas colhidas segundo critérios científicos. Constatamos uma relativa carência de dados quantitativos das hipóteses, especialmente nas pertencentes às áreas da interculturalidade e do desenvolvimento nas quais essa falta é mais preocupante. [...] Nem todos os estudantes dessa área de conhecimento precisam ser treinados em outras disciplinas e metodologias experimentais. [...] Necessitamos, no entanto, de mais gente preparada para este desafiador trabalho científico e devemos encontrar recursos ou para recrutá-los ou para treiná-los”. (Barrett, 2008, pp. 199-300, tradução nossa)

Referências

ABREU, Cristiano Nabuco. *Teoria do Apego*. Fundamentos, Pesquisas, Implicações Clínicas, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015.

AINSWORTH, Mary, D. S. Object relations, dependency, and attachment: a theoretical review of the infant-mother relationship. *Child Development*, v. 40, n. 4, 1969, pp. 969-1025.

AINSWORTH, Mary; D. S.; WITTIG, B. A. Attachment and exploratory behavior of one-year-olds in a strange situation. In FOSS, Brian M. (Ed.), *Determinants of infant behavior*, v.4. London: Methuen, 1969, pp. 111-136.

ALLPORT, Gordon W. *Personalidade*. São Paulo: Herder e Edusp, 1966.

ATRAN, Scott. *In God we trust: the evolutionary landscape of religion*. Oxford & New York: Oxford University Press, 2002.

BARRETT, Justin L. Keeping science in cognitive science of religion: Needs of the field. In: BULBULIA, Joseph; SOSIS, Richard; HARRIS, Erica; GENET, Russell; GENET, Cheryl; WYMAN, Karen. (Ed.) *The evolution of religion: studies, theories, and critiques*. Santa Margarita, CA: Collins Foundation Press, 2008, pp. 295-302.

BOYER, Pascal. *Religion explained: the evolutionary origins of religious thought*. New York: Basic Books, 2001.

BOWLBY, John. Perda – Tristeza e Depressão. *Apego e Perda*. Vol. 3. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BOWLBY, John. Separação – Angústia e Raiva. *Apego e Perda*. Vol. 2. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BORTOLINI, Tiago; YAMAMOTO, Maria Emília. Surgimento e manutenção do comportamento religioso. Contribuições da Teoria Evolucionista. *Estudos de Psicologia*, v. 18, n. 2, 2013, pp. 223-229.

BULBULIA, Joseph; SOSIS, Richard; HARRIS, Erica; GENET, Russell; GENET, Cheryl; WYMAN, Karen. (Ed.) *The evolution of religion: studies, theories, and critiques*. Santa Margarita, CA: Collins Foundation Press, 2008.

DAMÁSIO, António. *O mistério da consciência*. Do corpo e das emoções ao conhecimento de si. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DIAS, Elsa; LOPARIC, Zeljko (Org.). *Winnicott na Escola de São Paulo*. São Paulo: DWW Editorial, 2011.

ESPERANDIO, Mary Rute Gomes; AUGUST, Hartmut. Teoria do Apego e Comportamento Religioso. *Interações – Cultura e Comunidade*, v. 9, n. 16, 2014, pp. 243-265.

FIORI, Nicole. *As neurociências cognitivas*. Lisboa: Instituto Piaget, 2009.

FOWLER, James W. *Estágios da Fé*. Psicologia do desenvolvimento e busca do sentido. São Leopoldo, RS: Sinodal/EST-IEPG, 1992.

GAZZANIGA, Michael S.; HEATHERTON, Todd I. *Ciência Psicológica, Mente, Cérebro e Comportamento*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GRANQVIST, Pehr; KIRKPATRICK, Lee A. Religious conversion and perceived childhood attachment. *International Journal for the Psychology of Religion*, v. 14, n. 4, 2004, pp. 223-250.

HERMANS, Hubert J.M.; KEMPEN, Harry J.G. *The Dialogical self. Meaning as Movement*. New York: Academic Press, Inc. e Harcourt Brace & Co., 1993.

KIRKPATRICK, Lee A. An attachment theory approach to the psychology of religion. *International Journal for the Psychology of Religion*, v. 2, 1992, pp. 03-28.

KIRKPATRICK, Lee A. The role of attachment in religious belief and behavior. In: PERLMAN, Daniel e BARTHOLOMEW, Kim (Ed.). *Advances in personal attachment relationships*. Vol. 5. London: Jessica Kingsley, 1994, pp. 239-265.

KIRKPATRICK, L. A. Attachment and religious experience. In HOOD Jr., Ralph W. (Ed.), *Handbook of religious experience: Theory and practice*. Birmingham, AL: Religious Education Press, 1995, pp. 446-475.

KIRKPATRICK, Lee A. Toward an evolutionary psychology of religion and personality. *Journal of Personality*, v. 67, 1999, pp. 921-952.

KIRKPATRICK, Lee A. The evolutionary social psychology of religious beliefs. *Behavioral and Brain Sciences*, v. 27, 2004, p. 741.

KIRKPATRICK, Lee A. Evolutionary Psychology. An emerging New Foundation for the Psychology of Religion. In: PALOUTZIAN, Raymond F.; PARK Crystal L. (Ed.)

Handbook of the Psychology of Religion and Spirituality. New York and London: The Guilford Press, 2005a, pp. 101- 119.

KIRKPATRICK, Lee A. *Attachment, Evolution and the Psychology of Religion*. New York: The Guilford Press, 2005b.

KIRKPATRICK, Lee A. Religion is not an adaptation. In: McNAMARA, Patrick. (Ed.) *Where God and Science meet*. How brain and evolutionary studies alter our understanding of religion. Vol.1. Westport, CT and London: Praeger Perspectives, 2006, pp. 159-179

KIRKPATRICK, Lee A. Attachment and religious representations and behavior. In: CASSIDY, Jude; SHAVER, Phillip R. (Ed.). *Handbook of Attachment: theory and research*. (2ª edição.) New York: Guilford Press, 2008, pp. 803-822.

KIRKPATRICK, Lee A. & HASELTON, Martie G. What is (and isn't) evolutionary psychology. *ISSPR Bulletin*, v. 13, n. 1, 1996, pp. 04-08.

MASSIH, Eliana. A teoria do self dialógico e a psicologia cultural da religião na psicoterapia de religiosos. *Revista de Estudos da Religião*, v. 9, n. 4, 2009, pp. 53-67.

MASSIH, Eliana. Psicologia evolucionária e religião. In: PASSOS, João DÉCIO e USARSKI, Frank (Org.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulus/Paulinas, 2013, pp. 383-398.

McNAMARA, Patrick (Ed.) *Where God and Science Meet: How Brain and Evolutionary Studies Alter Our Understanding of Religion*. Westport, Londres: Praeger Perspectives, 2006.

MITTELSTAEDT, Wojciech; VALLE, Edênio. John Searle versus Daniel Dennett: uma polêmica filosófica e suas repercussões sobre os ateísmos contemporâneos. In: VALLE, Edênio (Org.). *Novas tendências nos ateísmos e irreligiosidades contemporâneos*. Questionamentos, debates e desencantamentos. São Paulo: Paulinas, no prelo.

OTTA, Emma e YAMAMOTO, Maria Emília. *Psicologia evolucionista*. Rio de Janeiro, Koogan, 2009.

PAIVA, Geraldo José de. Psicologia Cognitiva e Religião. *Revista de Estudos da Religião*. v. 7, 2007, pp. 183-191.

PAIVA, Geraldo José de. Teorias contemporâneas da Psicologia da Religião. In: PASSOS, João Décio e USARSKI, Frank (Org.). *Compêndio de Ciência da Religião*; São Paulo: Paulus/Paulinas, 2013, pp. 354-356.

PARKES, Colin Murray. *Luto: Estudos sobre a perda na vida adulta*. São Paulo: Summus, 1998.

RAMIRES, Vera Regina Röhnel; SCHNEIDER, Michele Scheffel. Revisitando alguns conceitos da teoria do *apego*: comportamento versus representação? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. v. 26, n. 1, 2010, pp. 25-33.

RIZZUTO, Ana-Maria. *O nascimento do Deus vivo*. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 2006.

SILVA, M. Eliane Azevedo. Psicologia do desenvolvimento e Religião In: PASSOS, João DÉCIO e USARSKI, Frank (Org.). *Compêndio de Ciência da Religião*, São Paulo: Paulus/Paulinas, 2013, pp. 411-422.

SPITZ, René A. *L'embryogenèse du moi*. Bruxelles: Éditions Complexologie, 1971.

STERN, Daniel W. *El mundo interpersonal del infante*, Bueno Ayres: Paidós Ibérica, 1991.

TEIXEIRA, João de Fernandes. *Mente, Cérebro, Cognição*. Petrópolis: Vozes, 2000.

WILSON, Edward O. *Consilience*. The unity of knowledge. New York: Knopf, 1998.

WINNICOTT, Daniel W. *Os ambientes e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

Recebido: 19/02/2017

Aprovado: 23/03/2017